



Os estudantes interromperam o trânsito no Centro de Ceilândia, sentaram no asfalto e fizeram passeata debaixo de chuva, mas nenhum incidente foi registrado

# Mil estudantes vão às ruas

*Alunos de escolas públicas de Ceilândia protestam contra mudanças no currículo e redução nas aulas de matérias básicas*

Roberto Fonseca  
Especial para o **Correio**

Agora foi a vez de Ceilândia. Dois dias depois de 200 alunos dos centros educacionais Setor Leste e Elefante Branco (ver memória) protestarem contra a mudança na grade curricular, mais de mil estudantes de 13 escolas públicas de Ceilândia foram às ruas da cidade. Eles reclamam das alterações promovidas pela Secretaria de Educação do Distrito Federal no início deste ano. Nem a chuva que caiu foi suficiente para tirar o ânimo dos manifestantes.

O principal motivo de queixa é a redução do número de horas/aula de Português e Matemática. No lugar das aulas subtraídas foram incluídas novas disciplinas — Sociologia, Filosofia e Ensino religioso. “As decisões foram tomadas sem nenhuma consulta aos estudantes. A secretária de Educação poderia sentar e conversar conosco”, diz Marcos Mourão, 23 anos, presidente da União Metropolitana dos Estudantes Secundaristas de Brasília (Umesb).

Aluno do 2º ano do Centro Educacional 3 de Ceilândia, Marcos aceita a inserção de novas disciplinas: “O que não pode

é diminuir a carga horária de matérias importantes para o vestibular”, acredita. “Com isso, quem estuda em escola particular sai beneficiado”, comenta ele. A Umesb reclama também dos novos horários de Educação Física. “É um contra-senso o aluno desenvolver alguma atividade física no turno normal das aulas. As escolas não possuem chuveiros”, argumenta o vice-presidente Leonardo Vieira, 21. “Não podemos ficar suados na sala de aula.”

Os estudantes chamaram a atenção de uma maneira diferenciada. Por volta das 11h, eles interromperam o trânsito no centro de Ceilândia. Todos sentaram no asfalto por cinco minutos. Depois fizeram uma pequena passeata pelas ruas próximas. A caminhada foi acompanhada de uma garoa que teimava em continuar. “Serve para esfriar a cabeça. Desde que chegamos só falamos de assunto ruim”, disse Renata Oliveira Teixeira, 13 anos, aluna da 8ª série do Centro de Ensino 7.

Os cartazes eram bem críticos: “A política educacional do DF é um retrocesso do ensino médio e fundamental”, estampava Daniel Cortes, 15, 8ª série do Centro de Ensino 120.

## PROTESTOS DE ALUNOS SE MULTIPLICAM

As manifestações de estudantes estão virando rotina no Distrito Federal. Na última quarta-feira, 200 alunos dos colégios Elefante Branco e Setor Leste caminharam quase cinco quilômetros para protestar contra as mudanças na matriz curricular. Eles foram até o Conselho Nacional de Educação (CNE), na 605 Sul. Durante meia hora, uma comissão foi recebida pelo presidente da Câmara de Educação

## SOLIDARIEDADE

Os motoristas não se incomodaram em ficar alguns minutos parados. “Pelo menos estão reivindicando alguma coisa. Ficar de braços cruzados é que não pode”, diz Janaína Isabel Costa, dentista, 41 anos. Os policiais do Batalhão de Trânsito conseguiram desviar o tráfego e evitar mais transtornos. De acordo com o tenente coronel da PM Gilberto Alves de Carvalho, comandante do policiamento, 125 homens acompanharam a manifestação. Nenhuma ocorrên-

## MEMÓRIA

Básica, Ulysses Panisset, e relatou os problemas enfrentados nas escolas.

No dia 9 de março, os estudantes do Centro de Ensino Agrourbano (Ceag), na Colônia Agrourbana de Brasília I (-Caub I), próxima ao Gama, decidiram não comparecer às aulas para fazer uma manifestação contra a diretoria da escola. Eles criticaram a nomeação da vice-diretora Ana Cristina Guedes Rodrigues e do secretário Wexley de Sousa Oliveira.

De acordo com os alunos, em menos de um mês a nova diretoria havia promovido mudanças que desagradaram a maioria, como o desmonte

da biblioteca e a montagem de uma sala de fotocópia no espaço destinado aos servidores. Um representante da Diretoria Regional de Ensino do Núcleo Bandeirante reuniu-se com uma comissão de moradores para ouvir as queixas e tentar uma solução.

Os alunos secundaristas do Centro Educacional Asa Norte (Cean), na 606 Norte, no dia 22 de fevereiro, desfilaram pela L2 Norte, interditando duas das três faixas da pista, até o prédio da Fundação Educacional, na 607 Norte. Na caminhada, carregando cartazes e instrumentos musicais, eles pediam a saída do diretor do Cean, Fernando de Luna, 44 anos. (R.F)

cia foi registrada, apesar de os manifestantes terem quebrado as lanternas de um ônibus da viação Planeta.

Alguns estudantes não gostaram da vigilância. “Em manifestação de estudante dá muito policial. Nas portas da escola, que é bom, nada”, critica Mário Freitas, 19 anos, 3º ano do Centro Educacional 4.

Carlos Santiago, diretor da Divisão de Ensino Médio da Fundação Educacional, afirma que, se os alunos formarem uma comissão, as queixas serão ouvi-

das e — se possível — solucionadas. “É verdade que houve uma diminuição na carga horária de algumas matérias. Mas surgiu a oportunidade de o aluno completar seu currículo com disciplinas que não existiam, como é o caso de Matemática Financeira”, fala. “Temos também uma verba no orçamento para realizar algumas reformas nos colégios no decorrer do ano”, relata ele.

A FEDF está agindo conforme a Lei de Diretrizes Básicas (LDB). É obrigatório que 75% da carga horária seja cumprida pelo núcleo básico. Os 25% restantes são para as outras disciplinas. A mudança foi implementada este ano. Os deputados distritais Rodrigo Rollemberg (PSB) e Chico Floresta (PT) querem transformar a sessão plenária do dia 30 de março numa comissão para discutir as alterações curriculares. “É um assunto sério que exige a reflexão de toda a sociedade”, diz Rollemberg, presente à manifestação.